



O PROTAGONISMO DAS MULHERES EM AR: UMA EXPERIÊNCIA DE COLETIVIZAÇÃO

Maria Auxiliadora Leite Botelho ¹

De que protagonismo se fala?

O sujeito se constitui nos espaços coletivos, inscrito numa determinada organização ou movimento social, a partir das necessidades e carências com as quais tem que lidar em seu cotidiano e de como vivenciam tais carências. Quando se trata das assentadas, indaga-se: como estão construindo seus interesses e prosseguindo a luta para redefinir sua posição na sociedade? Em outras palavras, como se tornam protagonistas de sua história?

A noção mais elementar que temos da categoria **sujeito** é sempre sujeito de uma ação. Entretanto, o sujeito é mais que o indivíduo enquanto pessoa, o sujeito só existe enquanto tal no interior de uma situação, enquanto **agente** dessa situação. Segundo Althusser, *os indivíduos são sempre já sujeitos*, ou seja, o sujeito é instaurado **na** e **pela** situação (ALTHUSSER apud PINHEIRO, 1997, p.144).

Se o sujeito se constrói na e pela situação, a construção do sujeito não se dá em nível individual e, sim, **pela relação com o outro**, pois é nessa relação que o indivíduo consegue sair de si-mesmo, isto é, das determinações incorporadas em seu processo de socialização, e ser um **ator** que busca viver como sujeito. A luta do indivíduo para se constituir **ator**, inserido nas práticas sociais através das quais se produz a sociedade, ou seja, para ser sujeito, implica necessariamente seu engajamento nos processos coletivos. De modo que é pela **ação coletiva** que os indivíduos se tornam sujeitos: *Sem essa passagem para o movimento social, o sujeito corre o risco de dissolver-se na individualidade; sem esse recurso a um princípio não social de ação na vida social, a idéia de movimento cai na tentação alienante de se conformar com o sentido da história*².

A literatura especializada no estudo do tema registra diferentes abordagens do conceito. Sob o prisma metodológico da análise weberiana, a racionalidade é a marca do agir (inclusive coletivo) desse sujeito, que busca seu bem-estar individual. Por seu turno, os estruturalistas priorizam as determinações estruturais na análise da ação do sujeito. De fato, os estudos sobre **sujeito** tendem a privilegiar ora as condições objetivas (estrutura), ora a subjetividade do ator e seu universo de

¹ Professora Ajunta do Departamento de Serviço Social da UFPB. Doutorado em Ciências Sociais/UNICAMP. E-mail: auxilib13@hotmail.com

² TOURAINE, 1987



representações. Uma posição reducionista, herdada dos debates que marcaram a modernidade, pois ignora que os indivíduos no seu agir cotidiano são a um só tempo sujeito e objeto da ação social. Ser sujeito depende não apenas das determinações objetivas, mas também do modo como os homens vivenciam essas condições, como as reelaboram, de sua capacidade de modificar tais condições a partir dos seus interesses. Equivale a afirmar, portanto, que os **sujeitos e seus interesses** não se constroem espontaneamente, são produto tanto das condições objetivas (estrutura e conjuntura), como das vontades subjetivas (sistema de valores), que servem de guia para o agir individual e coletivo.

Particularmente para os marxistas, o sujeito se constitui a partir das condições materiais de existência num determinado momento histórico, numa relação ativa de criação e recriação constante com a natureza. A partir de um conjunto de estudos sobre a lógica do capitalismo, do desvendar de suas contradições, Marx atribui ao proletariado o papel de sujeito histórico por excelência, capaz de promover a transformação da sociedade. Para o marxismo, o sujeito só existe enquanto membro de uma classe e em estado permanente de luta para afirmar seus interesses. A manifestação de interesses comuns, e a realização dos que vivem sob as mesmas condições de exploração social, cria a possibilidade de formação de uma consciência de classe.

Por sua vez, Gramsci define o sujeito como um ser *capaz de pensar a si mesmo como membro de uma coletividade e de se propor a um objetivo geral de ação e de persegui-lo com perseverança e luta sistemática* (1974, p.287). Para o referido autor, a possibilidade das classes subalternas se tornarem protagonistas históricos, dotados de vontade coletiva própria, passa pela capacidade dessas classes firmarem alianças (operários e camponeses), com vistas à conquista da **hegemonia** (a classe revolucionária deve tomar a direção cultural e moral da sociedade, antes de ser classe dominante). Cabe ao partido, enquanto intelectual coletivo, *moderno príncipe*, criar as condições para a conquista da vontade coletiva, ou seja, a autonomia³.

No lastro da interpretação de Gramsci, a noção de projeto assume caráter relevante enquanto elemento norteador da ação do sujeito. Importa conhecer não só o que o sujeito pretende, mas a razão e os objetivos a que se propõe, questões essas que requerem a análise dos elementos ideológicos justificadores da ação; são esses elementos que vão revelar a noção de projeto.

Nas formações capitalistas, **os sujeitos e seus interesses** se constituem num contexto de relações sociais em que forças antagônicas (de classe) se confrontam no sentido de fazer valer seus

³ Para Dias (1999, p.58) a autonomia enquanto projeto ideológico é um dos elementos essenciais para elaboração de uma vontade nacional-popular. Essa autonomia requer que se ultrapasse a visão economicista (tendência a reduzir a ação da classe ao econômico-corporativo) pela construção do momento ético-político.



interesses de classe sobre o conjunto da sociedade. A **sociedade civil** constitui o espaço (por excelência) de constituição e atuação desses sujeitos, que conseguem agregar em suas ações diferentes segmentos e grupos organizados e encaminham suas necessidades e problemas de forma coletiva. Suas formas de organização, do tipo grupal ou associativo, postulam valores solidários e costumam pautar suas ações pelo estímulo a práticas participativas, democráticas, autogestionárias e autônomas, abrangem em seu raio de ação diversos aspectos da vida social⁴. Trazem como referência principal de suas lutas a defesa dos direitos humanos e pela construção da cidadania. Nessa condição se constituem em sujeitos políticos na medida em que propõem um objetivo geral de ação e travam uma luta sistemática para alcançá-los. Com base em tais considerações indaga-se como as experiências em assentamentos rurais possibilitam as mulheres se tornarem sujeitos?

A luta das mulheres: uma experiência de coletivização

As múltiplas experiências de assentamentos espalhadas pelo país têm propiciado o questionamento das tradicionais relações hierárquicas homem/mulher, tanto na esfera pública participando de conselhos, coletivos, associações, como na esfera privada. Nesses espaços de produção e reprodução da vida social a mulher assentada tem construído seu protagonismo.

Sabe-se que o papel da mulher na agricultura se situa nas duas pontas da cadeia alimentar, a saber: produção agrícola e na transformação desses produtos em alimentos. Na condição de subordinada ao homem, tem como obrigação social cuidar dos filhos, dos animais de pequeno porte, da lavoura em pequena escala, e administrar a casa sem acesso a qualquer recurso monetário⁵. Seu protagonismo deve se limitar ao espaço privado, de reprodução da família. Ao tentar romper com a dominação vivida no espaço privado e assumir um lugar no espaço público (lugar da supremacia masculina), as assentadas provocaram reações de ira por parte dos maridos, de desconforto por parte dos homens da comunidade e, até de descrédito por parte da agência financeira. Inseridas no conservadorismo do mundo rural, romper papéis socialmente cristalizados pode custar perdas de apoio, de afetividades, de amizades e de relacionamentos mais sólidos como o casamento.

Dentre as inúmeras associações existentes nos assentamentos investigados em Rosana/SP, uma delas se destaca por ser a única a desenvolver uma experiência de trabalho coletivo com a

⁴ Esses são, em linhas gerais, os traços ou características que conformam os chamados novos movimentos sociais na contemporaneidade e que os distingue das ações coletivas, ligadas ao paradigma da modernidade, centrado na luta de classes. Ver Prado, 2000.

⁵ Na agricultura as atividades que envolvem decisão e dinheiro são tradicionalmente assumidas pelo homem, restando à mulher desenvolver o trabalho *invisível*, sem remuneração e subsumido ao trabalho masculino (FISCHER, 2004, p.61).



terra, por sua capacidade de se autogerir e por perseguir objetivos mais amplos em prol do assentamento. Trata-se da OMUS - Organização das Mulheres Unidas do Setor 2 - da Gleba XV de novembro. Após algumas reuniões em que discutiram suas necessidades, um grupo de mulheres assentadas resolveu pedir ao ITESP a liberação de um pedaço de terra dentro do assentamento onde elas pudessem desenvolver uma experiência de trabalho coletivo através da atividade pecuária. Uma vez obtido lote de terra, se dirigiram a agência bancária a fim de solicitar financiamento para compra do gado. Segundo a presidente do grupo, quando nós foi pedir o lote ao ITESP, as pessoas caíam de pau e diziam, até os companheiros: para que aquelas mulher que um lote se elas já tem o lote delas?E aí começou, quando eu fui pedir financiamento o cara do banco disse: o marido de vocês já pegaram financiamento para que vocês pegar, mulher não paga conta. E nós mostramos que em um ano antes de primeira prestação vencer, nós já tinha pagado!

Organizadas num sistema de divisão de tarefas e responsabilidades em todas as etapas do processo produtivo, desde a fase da criação do gado, produção do leite, comercialização e administração dos lucros, o grupo aos poucos ganha credibilidade e respeito. A renda obtida com a comercialização do leite é revertida para a manutenção de uma padaria da própria associação. A confecção do pão caseiro é realizada na sede da OMUS e obedece a um cronograma de divisão de tarefas e de dias por grupos de trabalho⁶. Além do fabrico do pão, confeccionam doces, geléias, que vendem dentro do assentamento. Para além das atividades produtivas de geração de renda, elas participam das lutas encaminhadas pela OMAP- Organização das Mulheres Assentadas do Pontal - em busca de recursos e melhorias para os assentamentos. Através da OMAP conseguiram a liberação de um financiamento para construção e reformas das residências; outra conquista apontada pelo grupo foi introduzir aulas de informática no assentamento através de uma parceria realizada entre a prefeitura, universidade e Itesp.⁷ Não obstante esses encargos, ainda encontram tempo para se inserir nas atividades de mobilização promovidas pelo MST, tipo marchas, caminhadas, romarias, expressando engajamento político em prol de **conquistas coletivas**,

⁶ *O depoimento de uma das líderes revela como o grupo funciona:* Nos cria gado, o leite fonte de renda. A OMUS dividiu em dois grupos para mexer com o pão, um trabalha segunda e quinta, e o outro terça e sexta. A prefeitura deu todo o resto que agente precisava. Nós temos o nosso prédio, temos frizer, geladeira, a prefeitura deu a mão de obra para construir a sede. Nós dividimos esses dois grupos para trabalhar pois se for todas as mulheres para trabalhar com um forno só, todas num dia só num dá porque vai dar o mesmo tantinho de pão e dividimos os dias de trabalho.

⁷ O ensino de informática nos assentamentos de Rosana foi produto de um convênio com o Comitê para a Democratização da Informática e Organização de Mulheres Assentadas e de Quilombos do Estado de São Paulo visando instalar escolas de Informática e Cidadania (EIC) nos projetos de assentamentos em caráter piloto, com previsão de instalação de quinze EICs. A proposta de convênio foi aprovada pelo Conselho Curador em setembro de 2003 e tem como meta dar os encaminhamentos para iniciar a implantação por Rosana e Sandovalina em 2004. ITESP-Relatório de ações - gestão 2003, São Paulo, janeiro de 2004.



comportamento não verificado em outras associações. Nesse contexto de adversidades e resistências encontram terreno fértil para (re) construir sua **identidade** através dessa experiência inovadora.

Quanto ao nível de **organização e inserção na luta**, as mulheres têm se mostrado mais participativas e coesas que os homens:

A coisa mais difícil para nós é o machismo, as mulheres participam bem. Se você for ao ITESP vai saber que as maiores reivindicações, as maiores conquistas são das mulheres. Se existe uma cooperativa, uma associação, ela só quer conquistas para aquele grupo. As mulheres não, ainda brigam em nível geral, se nós somos organização, a gente tem que se dar as mãos e medir forças, se unir.

De fato, a experiência resultante do trabalho coletivo com a terra (fato inédito nos assentamentos do município), conferiu visibilidade política às mulheres que participam dessa associação. Ao conciliar interesse pessoal com interesses coletivos, interesses que se colocam para além da esfera economicista, ao se envolverem nas lutas mais gerais em prol do assentamento e do próprio movimento das mulheres do Pontal, na vivência dessas práticas criam e se recriam na ação coletiva. Posicionam-se como **sujeitos**, associados a um projeto de mudança, mesmo que seus rumos não estejam previamente delineados. Inserem-se na luta movidas, inicialmente, pela necessidade de ter seu próprio dinheiro e ajudar nas despesas da casa, porém à medida que se integram ao movimento de mulheres passam a questionar regras e construir novas práticas: conquistam melhorias para o assentamento, assumem assento nos conselhos municipais e nas representações políticas do assentamento, conquistam legitimidade na esfera pública.

Reflexões finais

Cabe por fim ressaltar que se trata de um protagonismo contraditório, para atingir seus objetivos não hesitam em dar apoio político ao Prefeito que atenda às suas reivindicações; ou seja, ao mesmo tempo em que cria canais de participação, luta por direitos, se alia a luta coletiva com o MST, faz concessões políticas em troca de apoio a seus projetos, alimentado, por essa via, o padrão clientelista de fazer política.

Portadores de uma consciência limitada à coerção imposta pelo atendimento das necessidades de sobrevivência (geradoras de sentimentos de medo, submissão e gratidão), ao mesmo tempo em que almejam conquistar espaços de liberdade para reafirmar uma subjetividade negada pela ordem vigente, a fragmentação e a ambigüidade são elementos característicos da consciência dos dominados e, por conseguinte, de suas lutas (Gramsci, 1987). A bem da verdade, o clima de conflito e tensão que marca as relações sociais no interior dos assentamentos mostra que



existem distintos projetos em disputa na condução dos mesmos, que a condição de assentado não é suficiente para estabelecer a homogeneidade das lutas.

Bibliografia

FISCHER, Izaura Rufino. *O Protagonismo feminino no contexto da dominação: um estudo no acampamento Engenho Prado*. RECIFE,CCSA/UFPE, Tese de doutorado,2004.

GRAMSCI, Antonio. *A questão meridional*. Trad. Coutinho, Carlos Nelson e Nogueira, Marco Aurélio. Rio de Janeiro, Paz e Terra,1987.

ITESP- *Relatório de Ações- Gestão 2003*. Governo do Estado de São Paulo/Fundação Instituto de Terras de São Paulo, janeiro de 2004.

MARX, K. *O 18 Brumário de Luis Bonaparte*. São Paulo,Moraes,1987.

MARX. K. *El campesinato como classe*. SHANIN, Teodor. *Campesinos e Sociedades Campesinas*. México, Fondo de Cultura Economica, 1979.

PINHEIRO, Jair. O sujeito da ação política: notas para uma teoria. *Lutas Sociais*, São Paulo, Neils/PUC, nº 3, 2º semestre de 1997.

PRADO, Marco Aurélio. *(Des) razão: consciência, sujeito coletivo*. São Paulo, Departamento de Psicologia/PUC, 2000. Tese de Doutorado.

TOURAINÉ, A. *El regreso del actor*. Buenos Aires: EUDEBA,1987.